



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E AGRÁRIAS - CAMPUS III
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS AGRÁRIAS – LICENCIATURA PLENA

**DIAGNÓSTICO SITUACIONAL DA SUINOCULTURA NA
PARAÍBA COM FOCO NO ABC PARAIBANO**

Francisco César Santos da Silva

Bananeiras - PB
2020

FRANCISCO CÉSAR SANTOS DA SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo Expandido)
defendido e aprovado em _04__/_05_/2020__, para
obtenção do título de Graduado em Ciências Agrárias –
Licenciatura Plena, pela Universidade Federal da Paraíba, de
acordo com a legislação em vigor.

Orientador: Prof. Dr. Genyson Marques Evangelista

Bananeiras - PB
2020

COMISSÃO EXAMINADORA



Genyson Marques Evangelista
SIAPE 2125970
DGTA/CCHSA/UFPB

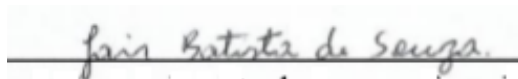
Prof. Dr. Genyson Marques Evangelista

(1º Membro da Banca – Orientador)



Prof. Dr. Leonardo Augusto Fonseca Pascoal

(2º Membro da Banca - Examinador)



MSc. Jair Batista de Souza

(3º Membro da Banca - Examinador)

Bananeiras - PB

2020

SUMÁRIO

RESUMO.....	5
ABSTRACT.....	6
1. INTRODUÇÃO.....	7
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	9
3.MATERIAL E MÉTODOS.....	12
4.PANORAMA DA SUINOCULTURA NO BRASIL.....	13
4.1.Panorama a nível nacional.....	13
4.2.Panorama a nível regional.....	16
5. PANORAMA GERAL DA SUINOCULTURA NA PARAÍBA.....	18
5.1. Perfil da suinocultura paraibana.....	18
5.2. Evolução recente do rebanho.....	18
5.2.1. Evolução do rebanho no Estado.....	18
5.2.2. Evolução dos rebanhos nas Microrregiões Homogêneas.....	19
5.2.3. Evolução dos rebanhos nas microrregiões do ABC Paraibano.....	22
6. DESEMPENHO GERAL DA SUINOCULTURA NO ESTADO DA PARAÍBA.....	25
6.1. Considerações gerais.....	25
6.2. Principais causas do baixo desenvolvimento da suinocultura paraibana.....	25
7. OPORTUNIDADES PARA O DESENVOLVIMENTO DO SETOR.....	30
7.1. Considerações iniciais.....	30
7.2. Principais oportunidades.....	30
8.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	35
 ANEXOS - REBANHOS SUÍNOS NA PARAÍBA SEGUNDO AS SUAS MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS E MUNICÍPIOS.....	 36

RESUMO

Fazer um diagnóstico situacional da produção de suínos na Paraíba, com foco chamado ABC Paraibano (Agreste, Brejo e Cariri), visando saber qual a atual situação dessa importante atividade econômica nesse estado. Foi realizada, inicialmente, uma revisão bibliográfica sobre a suinocultura, seja em seus aspectos técnicos e científicos, seja na literatura especializada na análise da realidade do setor no Brasil e em suas diversas regiões. Também foram realizadas visitas a alguns produtores para observação direta das condições de produção, como as instalações, raças dos animais e nível de organização no controle da produção. Foram realizadas reuniões com produtores de vários municípios da Microrregião Homogênea de Guarabira, sempre na sede do SEBRAE em Guarabira, onde eram discutidos os principais problemas enfrentados. A suinocultura na Paraíba apresentou um baixo aumento do rebanho ao decorrer de 2006 até 2017. Em muitas microrregiões homogêneas houve uma grande redução do rebanho, chegando a até mais de 60%; entretanto, em algumas houve um aumento significativo. Na Paraíba, a suinocultura está se desenvolvendo de forma lenta, mas tem muito o que evoluir, uma atividade que está crescendo cada vez mais, a demanda também está crescendo, mas ainda existem fatores que dificultam essa evolução no rebanho do estado.

Palavras-chave: Suinocultura, Paraíba, Rebanho.

ABSTRACT

Make a situational diagnosis of pig production in Paraíba, focusing on the so-called ABC Paraibano (Rough, Swamp and Cariri), in order to know the current situation of this important economic activity in that state. Initially, a bibliographic review on pig farming was carried out, either in its technical and scientific aspects, or in the literature specialized in analyzing the reality of the sector in Brazil and in its various regions. Visits were also made to some producers for direct observation of production conditions, such as facilities, animal breeds and level of organization in production control. Meetings were held with producers from several municipalities in the Homogeneous Microregion of Guarabira, always at SEBRAE's headquarters in Guarabira, where the main problems faced were discussed. Pig farming in Paraíba showed a low increase in the herd from 2006 to 2017. In many homogeneous microregions there was a large reduction in the herd, reaching even more than 60% of the herd and in some there was a significant increase. Paraíba is evolving slowly, but it has a lot to evolve, an activity that is growing more and more, the demand is also growing, but there are still factors that hinder this evolution in the herd of the state.

Keywords: Pig Farming, Paraíba, Flock.

1. INTRODUÇÃO

O suíno doméstico (*Sus scrofa*) é um mamífero que se originou do javali e um membro da espécie *Cetartiodactyla*. Evidências genéticas moleculares indicam que o *Sus scrofa* originou-se no sudeste da Ásia (Filipinas e Indonésia), durante as flutuações climáticas do início do Plioceno, entre 5,3 e 3,5 milhões de anos. Dessa região, se espalhou pela Eurásia. Hoje, com cerca de um bilhão de indivíduos vivos, é um dos mais numerosos dos grandes mamíferos do planeta.

Não se sabe ao certo onde ocorreu a domesticação dos suínos, embora os primeiros registros arqueológicos (8000-5000 a. C) foram encontrados no Oriente Médio e leste do Mediterrâneo. As ossadas mais velhas encontradas até o momento foram descobertas em 1994, em Çayönü, no sudeste da Anatólia, uma região do extremo oeste da Ásia que corresponde hoje à porção asiática da Turquia. A domesticação começou quando os primeiros homens formaram aldeias para cultivar cereais, depois de terem sido nômades por milhares de anos. Porém, eram os suínos, e não os cereais, a principal fonte de alimento nas primeiras comunidades fixas. Cansados de vagar em busca de nozes e frutas, os habitantes das antigas aldeias decidiram então domesticar os porcos selvagens encontrados na referida região.

Quem trouxe os primeiros animais para o continente americano foi Cristóvão Colombo, na sua segunda viagem no ano de 1493, desembarcando oito animais na região de São Domingos. Esses animais posteriormente expandiram-se para o México, Panamá e Colômbia. Francisco Pizarro, que havia trabalhado com porcos em sua juventude, em Extremadura, trouxe suínos vivos do Panamá para o Planalto Andino em 1531 e Hernando de Soto (“o pai da indústria de carne suína norte-americana”) levou os primeiros 13 porcos para a Flórida em 1539. No Brasil, os primeiros desses animais chegaram a São Vicente, no litoral paulista em 1532, trazidos pelo navegador Martim Afonso de Souza.

A suinocultura é uma das atividades agropecuárias que mais crescem no mundo não só em volume de produção, como também em importância econômica. Por outro lado, possui algumas especificidades que fazem com que esta precise de um cuidado especial em todas as suas etapas, sendo o manejo reprodutivo a fase primordial para o sucesso de qualquer criação. Em um manejo minimamente adequado, a genética, a sanidade e a nutrição são de extrema importância na hora de se definir os instrumentos tecnológicos voltados para o aumento da produtividade da criação de suínos.

Nos últimos 17 anos houve um crescimento de 42,7% na produção mundial de carne suína, passando de 78,2 milhões de toneladas em 1995 para 111,7 milhões de toneladas em 2012. No mesmo período, o plantel mundial cresceu apenas 7,1 %, passando de 900 para 964 milhões de cabeças. Essa diferença entre o crescimento da produção (42,7%) e o crescimento do plantel (7,1%) deve-se a melhorias significativas na produtividade e ao aumento do peso de abate dos plantéis em escala mundial.

Atualmente, o continente asiático detém a maior produção de carne suína do mundo, com 61,64 milhões de toneladas, ou seja, 55,16 % do total mundial. A grande maioria do rebanho mundial é produzida em território chinês, com 52,3 milhões de toneladas. A Europa é o segundo maior produtor mundial, com 27,6 milhões de toneladas, ou 24,7% do total mundial, seguida das Américas, com 20,4 milhões de toneladas, ou 18,2%. Nos últimos 17 anos, o continente que apresentou o maior crescimento foi a Ásia, tendo aumentado sua participação mundial de 50,73% para 55,16 %. A Europa foi o que mais perdeu participação mundial, caindo de 31,4% para 24,7 %. A participação das Américas cresceu ligeiramente, passando de 17,8% para 18,2%.

A produção mundial de carne suína em 2001 foi de 83.608 mil toneladas e, o crescimento anual de consumo de carnes no mundo até o ano 2015 ficou em torno de 2%. Considerando ser a carne suína a mais produzida no mundo, uma parcela significativa deste percentual tem sido atendida via expansão da produção de suínos. A posição dos principais países produtores de carne suína (China, União Europeia e Estados Unidos) não deve ser alterada pelo menos no curto e médio prazo, uma vez que a diferença entre estes, no volume produzido em 2001, foi significativa: 42.400; 17.419 e 8.545 mil toneladas respectivamente. O Brasil ocupa atualmente a 4ª posição, com 2.240 mil toneladas, e concorre diretamente com o Canadá para manter essa classificação. As previsões para 2020 indicam que a produção de carne suína do Brasil deverá crescer cerca de 5,5%, enquanto a produção de carne suína no Canadá crescerá

apenas 1,7% no mesmo período. Tais níveis de produção solidificam a posição brasileira no ranking mundial.

O presente trabalho surgiu durante a execução de um projeto do PROBEX/UFPB no ano de 2019 com suinocultores da agricultura familiar, com o apoio do SEBRAE da Paraíba, do qual o autor atuou como aluno bolsista, cujo objetivo era, entre outros, fazer um diagnóstico situacional da produção de suínos na Paraíba, com foco no chamado ABC Paraibano (Agreste, Brejo e Cariri), visando saber qual a atual situação dessa importante atividade econômica nesse estado.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O maior produtor de suínos no Brasil é o estado de Santa Catarina, que possui o maior rebanho, seguido pelo Paraná e Rio Grande Sul. (EMBRAPA SUÍNOS E AVES, 2019).

No Nordeste brasileiro, ainda são encontrados animais que são oriundos daqueles trazidos pelos colonizadores, os quais apresentam pelagens, tamanhos e características morfológicas diversas devido ao cruzamento desordenado ocorrido ao longo do tempo. Possuem alta rusticidade e baixa exigência nutricional se comparados às raças de melhor desempenho (CARVALHO, 2000).

No Brasil, a agricultura familiar tem ganhado destaque como importante setor na garantia da segurança alimentar e nutricional dos brasileiros graças à sua atuação no setor das suinocultura, sendo responsável por 70% da produção de alimentos básicos. Diante disto, é necessário haver incentivo e aumentar o seu potencial de produção, pois é um ramo que ainda tem muito espaço para crescer. Ainda a esse respeito, políticas públicas de fomento têm sido direcionadas a esta parcela da economia brasileira (a agricultura familiar), no intuito de maximizar o potencial de produção dos agricultores e possibilitar a permanência de grande parte de suas famílias no campo, bem como garantir a continuidade da produção de alimentos, que abastecem os mercados locais e regionais (SILVA; FERREIRA, 2016).

Os sistemas de criação de suínos na agricultura familiar paraibana, como de resto em boa parte do Nordeste brasileiro, são de base extensiva e, portanto, de baixa produtividade. Nesse caso, uma alternativa de crescimento do setor tem sido a combinação de algumas características positivas da suinocultura tradicional (explorada a partir da utilização de insumos produzidos localmente como parte integrante e complementar dos demais insumos, a exemplo da mandioca, fartamente produzida

naquele assentamento) com algumas da moderna suinocultura, como é o caso da utilização de um manejo minimamente tecnificado dos rebanhos; essa estratégia é mais vantajosa do ponto de vista de seu custo de produção, como recomenda Pires et al (2016).

A produção de suínos deve atender aos dois propósitos da suinocultura moderna: a recria e a engorda, onde dois grupos de produtores exploram atividades muito bem definidas, pois, enquanto um deles trabalha na produção de leitões para a formação de reprodutores e matrizes, outro explora a engorda dos animais para fins comerciais, gerando assim um produto para o qual existe hoje um mercado em franca expansão, tanto no Nordeste em geral como na Paraíba, em particular. Esse tipo de suinocultura, que tem se expandido na Paraíba, mesmo que de forma mais lenta do que o resto do País, tem como característica principal uma elevada capacidade de incorporação da produção no mercado local e regional vinda da agricultura familiar (CPT, 2009).

A sustentabilidade de qualquer atividade agropecuária, seja no agronegócio ou na agricultura familiar, depende da interação de uma série de variáveis, sendo as duas mais importantes as instalações e o manejo nutricional. Conforme afirma Sartori et al (1997), a alimentação representa em média cerca de 60% a 70% do custo da produção dos suínos no Brasil, isso porque as matérias-primas das rações são largamente utilizadas tanto para criação desses animais quanto para o consumo humano e de outros rebanhos, o que gera uma competição de usos e assim tende a elevar o seu preço no mercado.

Em que pesem as oportunidades que se apresentam para o setor, a suinocultura é uma das atividades produtivas da agricultura familiar que apresentam as maiores limitações e dificuldades de ser explorada, fazendo com que nesse tipo de produção dificilmente se observe a prática de criação de suínos em bases agroecológicas e, ao mesmo tempo, com baixa incorporação de modernos insumos no processo produtivo. Com isso, ela deixa de fazer com que os agricultores familiares despertem para uma consciência ecológica que, segundo Lago (1991), é a única que, no âmbito da agricultura familiar, consegue promover o uso sustentável dos recursos produtivos locais, na medida em que estes podem utilizar recursos naturais da própria comunidade e insumos livres de componentes industrializados.

Além do acima exposto, os sistemas de produção alternativos possuem uma incrível capacidade de combater as desigualdades econômicas e sociais no campo, cujas principais causas no contexto da economia brasileira se devem ao fato de que os

processos produtivos se incorporam rapidamente às inovações pelo investimento de grandes somas de capital e por isso são mais eficientes e quase sempre se revelam inacessíveis à grande maioria dos agentes produtivos mais descapitalizados (os agricultores familiares, nesse caso), o que justifica o apoio das políticas públicas à produção de base familiar (ROSSETTI, 1991). Prova da importância da suinocultura no âmbito dessa agricultura é a sua forte presença nos segmentos populares da economia brasileira, especialmente no Nordeste, a exemplo das feiras livres.

A exemplo das outras atividades pecuárias, há na suinocultura a utilização de três diferentes sistemas de produção: o sistema intensivo de alta tecnologia, o intensivo de média tecnologia com confinamento tradicional e o extensivo ou de subsistência. Num sistema intensivo, os animais são mantidos em confinamento, e recebem ração balanceada, além de práticas sanitárias e instalações apropriadas. Há também o controle da ventilação, da temperatura e da umidade do ar, como também uma utilização de menor área para a produção (maior adensamento do rebanho), e é o que mais exige investimentos em instalações em relação aos demais sistemas. A alimentação é de alta qualidade nutricional e é fornecida de forma balanceada de acordo com cada fase de desenvolvimento do animal, garantindo assim excelentes índices de produção e produtividade. Por ser um sistema com maior uso de tecnologias, este exige uma mão de obra especializada. Além das características acima citadas, nesse sistema, as instalações são específicas para cada fase de crescimento do animal, garantindo assim maior sanidade para o rebanho.

O sistema intensivo de confinamento tradicional também possui alta concentração de animais, porém em instalações menos especializadas, normalmente sem creche nem locais de gestação coletiva. A genética dos animais é variável e de raças comerciais, sendo o nível de manejo e nutrição também variável, assim como o desempenho zootécnico. O nível sanitário é adequado, com custos de produção e produtividade variáveis.

Por fim, no sistema extensivo ou de subsistência, utiliza-se basicamente raças rústicas tipo banha de pequeno ou (no máximo) médio porte, com animais criados em grandes extensões de área, ou seja, com baixa lotação. Conforme classifica Albuquerque (2001), nesse sistema, os animais ficam permanentemente soltos, sem divisão de fases e sem controle de reprodução. Utilizam-se os recursos locais, ou seja, restos de culturas, pastagem nativa e suplementos sazonais na sua alimentação. A ineficiência produtiva se

caracteriza principalmente pelo baixo nível sanitário e ausência de um manejo nutricional padronizado. É esse sistema que prevalece na suinocultura paraibana.

3. MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa quantitativa está ligada diretamente à quantificação dos dados, na experimentação, na mensuração e no controle rigoroso dos fatos. Segundo Knechtel (2014), esse tipo de pesquisa foi a base do pensamento científico até a metade do século XX e é caracterizado pela passividade e neutralidade do pesquisador diante da investigação da realidade.

Para a realização do diagnóstico situacional de que trata este Trabalho de Conclusão de Curso, foi realizado, inicialmente, uma revisão bibliográfica sobre a suinocultura, seja em seus aspectos técnicos e científicos, seja na literatura especializada na análise da realidade do setor no Brasil e em suas diversas regiões.

Complementando o levantamento ou pesquisa bibliográfica, foram realizadas visitas em algumas propriedades de suinocultores para observação direta das condições de produção, como as instalações, raças dos animais e nível de organização no controle da produção. Durante as visitas, também eram feitas as discussões sobre a produção, levantando-se informações sobre as principais dificuldades e obstáculos enfrentados pelo produtor, especialmente no que diz respeito ao manejo do rebanho, com ênfase em seus aspectos nutricionais e sanitários.

Também foram realizadas várias reuniões com produtores de vários municípios da Microrregião Homogênea de Guarabira, sempre na sede do SEBRAE em Guarabira, onde foram discutidos por cerca de quatro meses os principais problemas enfrentados pelos produtores do ABC Paraibano.

Outras duas importantes fontes de levantamento de dados para este TCC foram os dados oficiais sobre a suinocultura levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para a obtenção de dados sobre os quantitativos dos rebanhos para diversos anos, além de entrevistas com comerciantes de carne de suínos e seus derivados nas feiras livres de Bananeiras, Solânea e Guarabira.

4. PANORAMA DA SUINOCULTURA NO BRASIL

4.1. Panorama a nível nacional

Analisando-se os anos de 2011, 2013 e 2015 (ver o período completo de 2011 a 2015 em anexo), percebe-se que praticamente não houve grandes mudanças no tamanho do rebanho de suínos no Brasil como um todo, tendo este passado de 39.307.336 cabeças em 2011 para 36.743.593 cabeças em 2013, registrando, assim uma queda de 6,52%, como mostra a Tabela 1.

Tabela 1
Efetivo do rebanho suíno do Brasil, segundo as
Grandes Regiões e Unidades da Federação - 2011 a 2015

Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação	Rebanho suíno total por ano					
	2011		2013		2015	
	Número	%	Número	%	Número	%
BRASIL	39.307.336	100,0	36.743.593	100,0	40.332.553	100,0
Região Norte	1.569.553	3,99	1.261.870	3,32	1.363.355	3,38
Acre	139.518	8,89	134.576	10,66	149.776	10,99
Amapá	34.962	2,23	40.563	3,22	36.355	2,67
Amazonas	94.435	6,02	66.325	5,26	62.613	4,59
Pará	741.833	47,26	542.746	43,01	557.848	40,92
Rondônia	234.593	14,95	188.291	14,92	230.569	16,91
Roraima	58.145	3,70	29.751	2,36	30.533	2,24
Tocantins	266.067	16,95	259.618	20,57	295.661	21,68
Região Nordeste	5.809.495	15,47	5.559.110	15,18	5.815.558	14,42
Alagoas	155.058	2,67	143.112	2,57	142.577	2,45
Bahia	1.620.697	27,98	1.389.113	24,99	1.216.322	20,92
Ceará	1.193.630	20,55	1.138.424	20,48	1.268.342	21,81
Maranhão	1.034.193	17,80	1.233.492	22,19	1.231.823	21,18
Paraíba	151.702	2,61	137.438	2,47	174.533	3,00
Pernambuco	425.977	7,33	399.309	7,18	611.234	10,51
Piauí	935.279	16,01	857.208	15,42	810.313	13,93
Rio Grande do Norte	193.187	3,33	162.254	2,92	258.078	4,44
Sergipe	99.772	1,72	98.760	1,78	102.336	1,76
Sudeste	7.024.065	17,86	6.904.686	18,80	6.957.511	17,25
Espírito Santo	256.646	3,65	269.436	3,90	347.621	5,00
Minas Gerais	5.014.334	71,39	5.073.897	73,48	5.047.216	72,54
Rio de Janeiro	153.570	2,19	130.251	1,89	78.089	1,12
São Paulo	1.599.515	22,77	1.431.102	20,73	1.484.585	21,34
Sul	19.094.595	48,58	17.914.294	48,76	19.875.316	49,28
Paraná	5.448.964	28,54	5.322.607	29,71	7.134.055	35,89
Rio Grande do Sul	5.677.515	29,73	6.320.890	35,29	5.948.537	29,93
Santa Catarina	7.968.116	41,73	6.270.797	35,00	6.792.724	34,18
Centro-Oeste	5.539.628	14,10	5.103.633	13,94	6.320.813	15,67

Distrito Federal	207.873	3,75	100.915	1,98	155.966	2,47
Goiás	2.049.376	36,99	2.060.360	40,37	2.033.914	32,18
Mato Grosso	1.954.128	35,28	1.782.726	37,93	2.849.158	45,07
Mato Grosso do Sul	1.328.251	23,98	1.159.632	22,72	1.281.775	20,28

Fonte: IBGE – Produção Pecuária Municipal para os anos indicados.

Elaboração: INCEPS/UFPB.

Observa-se, no entanto, o referido efetivo voltou para um número muito próximo ao de 2011 em 2015, com 40.332.553 cabeças, como pode-se observar na Tabela 1, que mostra a distribuição desse rebanho pelas Grandes Regiões e por Estados.

Em 2011, a região Sul detinha 48,58% do rebanho nacional, onde o estado de Santa Catarina liderava com 41,73%. Esse percentual de participação ficou praticamente estável no ano de 2015 (48,76%), onde os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina praticamente empataram na liderança com aproximadamente 35% cada. Em 2015, essa liderança da Região Sul teve uma pequena elevação (49,28% contra 48,58% no primeiro ano da série), tendo o Paraná tomado a primeira posição de Santa Catarina.

Essa distribuição pode ser melhor visualizada nos gráficos a seguir. Assim, no Brasil, entre os anos de 2011 e 2015 tiveram algumas mudanças no rebanho de suínos entre as regiões. Na região Norte, por exemplo, houve uma redução, no ano de 2011 a região tinha cerca 1,6 milhões de animais, já em 2015 apresentou 1,3 milhões. Houve uma redução expressiva.

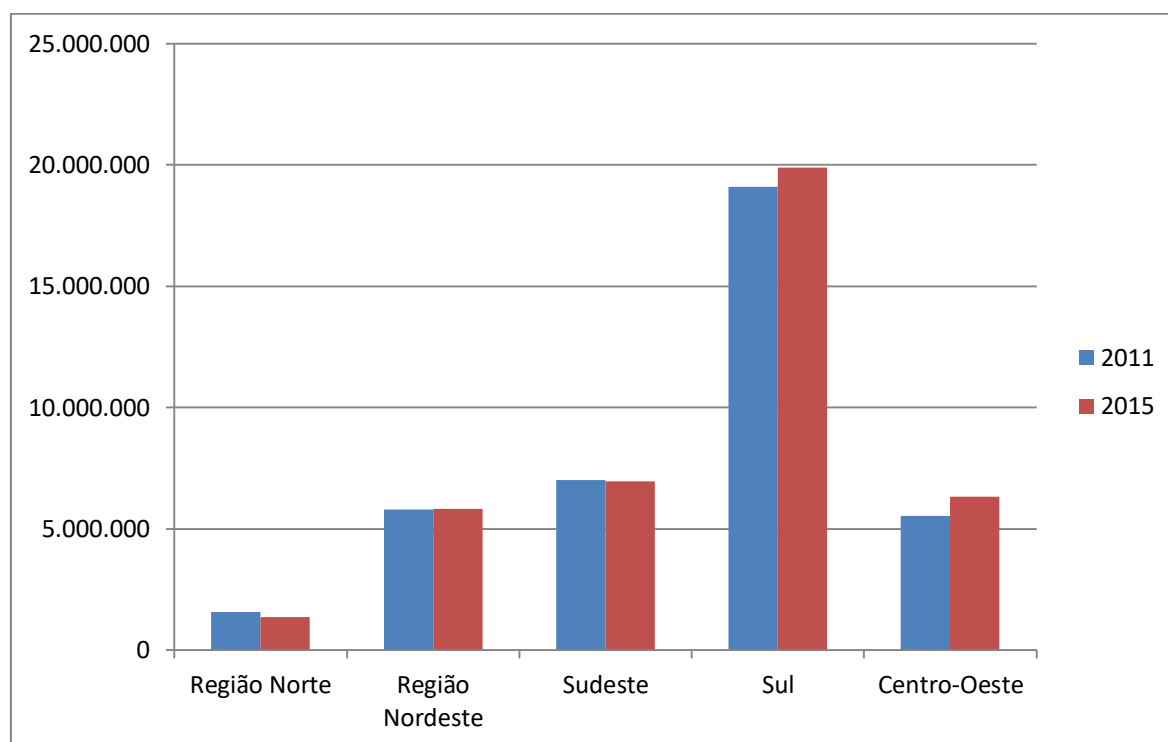


Gráfico 1: Distribuição dos rebanhos de suínos no Brasil, por grandes regiões

Na região do Nordeste mantiveram-se os mesmos números, não houve mudanças significativas nos anos. O rebanho está próximo aos seis milhões de animais, que o torna a terceira região com maior rebanho do Brasil.

O Sudeste apresentou uma redução no número de animais, em 2011 apresentava cerca de sete milhões de animais, já em 2015 houve uma pequena redução neste número, que ficou em torno de 6,9 milhões.

Na Região Sul em 2011 apresentava um rebanho de dezenove milhões de suínos, já em 2015 estes número aumentou para 19,9 milhões de animais. Já no Centro-Oeste, houve o aumento do rebanho, em 2011 apresentou 5,5 milhões e houve o aumento para 6,3 milhões em 2015. Um aumento significativo.

Em apenas duas regiões houve aumento do rebanho, a Região Sul e Centro-Oeste. As regiões Norte e Sudeste tiveram redução do rebanho e o Nordeste manteve praticamente o mesmo rebanho nos respectivos anos.

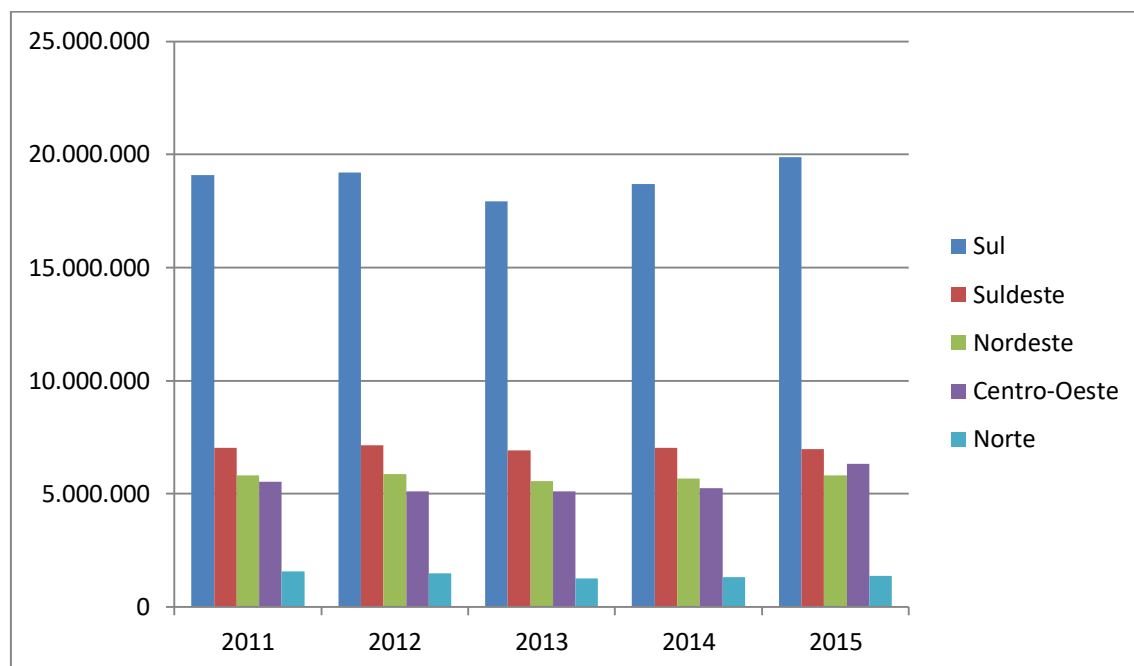


Gráfico 2 - Evolução de rebanho de suínos no Brasil, por grandes regiões

A região Sul se destaca como o maior rebanho brasileiro de suínos, pois é a região onde se encontram as maiores granjas do Brasil. Em seguida vem a região Sudeste com um rebanho médio de sete milhões de 2011 a 2015. O Nordeste predominou como a terceira maior região com maior número de animais, mas em 2015 foi superado pela região centro-oeste, mesmo com aumento do rebanho. Houve um

grande aumento do rebanho no centro-oeste em 2015, sendo assim a terceira maior região com maior número de cabeças.

4.2. Panorama a nível regional

Observando-se o Gráfico 3, percebe-se que o estado da Bahia liderava no tamanho do rebanho suíno em 2011, sendo ultrapassado pelo Ceará e Maranhão em 2015.

Observando-se o período que vai de 2011 a 2015 (ver dados para esse período em anexo), percebe-se que houve um aumento considerável do rebanho de suínos no Estado da Paraíba. No ano de 2011, o estado possuía um rebanho de mais de 151 mil animais, passando em 2015 para mais de 174 mil cabeças. Isso pode ter sido resultado do aparecimento de incentivos para a produção de suínos, seja por parte do governo, seja pelo mercado privado, aumentando consequentemente a oferta dessa carne. Também tem alta demanda na procura por carne suína no estado, um fator importante que possibilita uma maior produção.

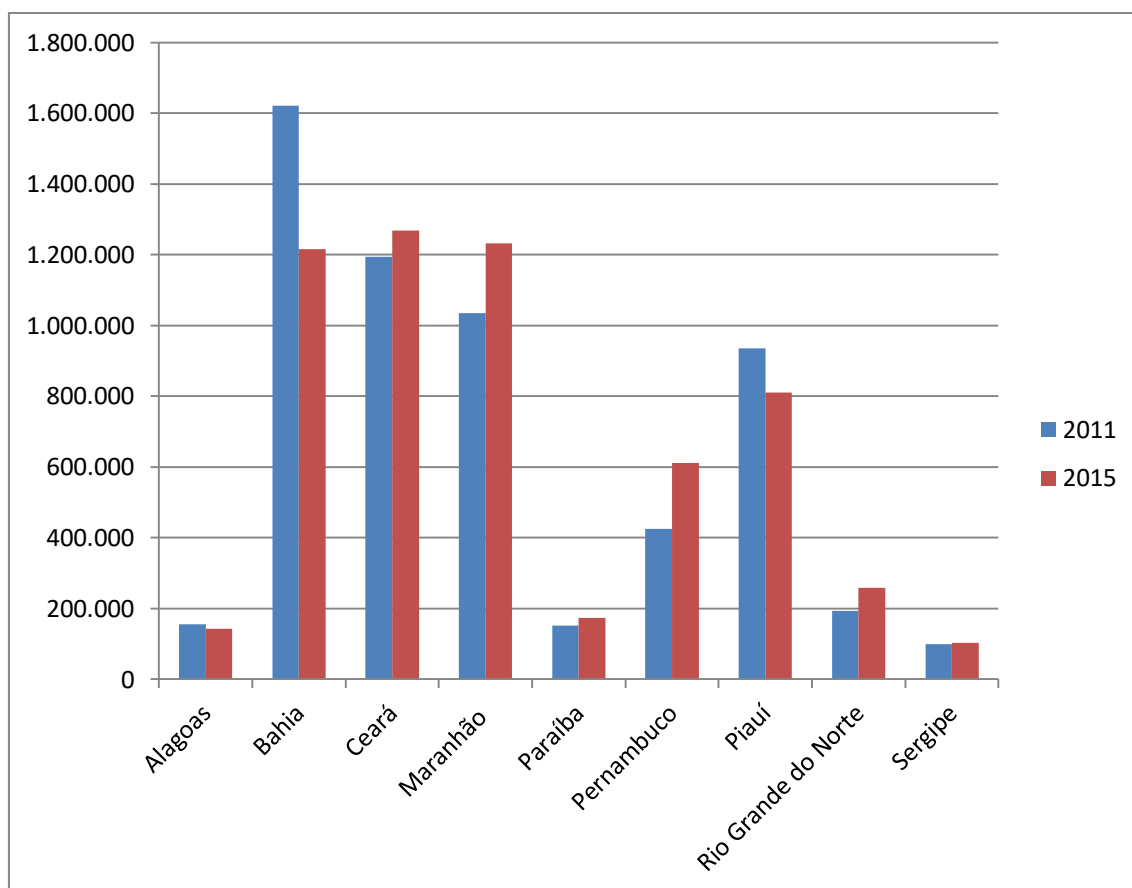


Gráfico 3: Evolução do rebanho de suínos do Nordeste Brasileiro

Melhorias em função de pesquisa genética e cruzamento de raças aumentam a produtividade, obtendo-se melhores lucros. Carnes magras é um fator importante, pois é uma carne muito saudável, produção mais cuidadosa, apoiada por assessoria técnica, veterinária e nutricional, carne de sabor agradável e de ótima aceitação tanto no Brasil quanto no resto do mundo. Produção de leitões de qualidade genética também é uma ótima oportunidade, pois está se tornando mais fácil de obter animais de melhor genética. Outro fator é a produção de ração na própria propriedade, reduzindo assim os gastos com alimento para os animais. Observou-se que muitas propriedades adotam esta medida.

No Nordeste o estado que possui o maior rebanho é Ceará, cerca de 1,3 milhões no ano de 2015, acompanhado pelo Maranhão que possui um rebanho de 1,2 milhões de animais. O estado que apresenta o menor rebanho é Sergipe, com cerca de cem mil animais, não havendo aumento desse rebanho entre 2011 a 2015.

5. PANORAMA GERAL DA SUINOCULTURA NA PARAÍBA

5.1. Perfil da suinocultura paraibana

De um modo geral, podemos dizer que a moderna suinocultura ainda está engatinhando no estado da Paraíba, e de forma geograficamente heterogênea, onde se pode verificar alguns empreendimentos modernos tanto nas microrregiões que abrigam municípios do Alto Sertão da Paraíba, como também aquelas próximas do Litoral Paraibano ou mesmo na área central do estado. Isso ocorre porque está em curso um processo de modernização, mesmo que lento dessa atividade, com o aparecimento de incentivos para a produção de suínos e, conseqüentemente, para o aumento de produção de carne e seus derivados, pois esta atividade tem apresentado atualmente bons retornos para os produtores.

O perfil da suinocultura na Paraíba também tem sofrido mudanças por conta do aumento da demanda por carne suína no Brasil, e em particular nesse estado, sendo esse

um fator importante que possibilita a expansão da produção. Some-se a isso melhorias ocorridas no âmbito das pesquisas genéticas com os cruzamentos de raças que aumentam a produtividade, permitindo a obtenção de melhores lucros. Tais pesquisas têm gerado carnes mais magras e de sabor mais diferenciado, gerando produtos mais saudáveis devido ao aumento dos cuidados no manejo dos rebanhos, apoiado por assessoria técnica na área da assistência veterinária, especialmente nos aspectos nutricionais e sanitários.

5.2. Evolução recente do rebanho

5.2.1. Evolução do rebanho no Estado

Analisando-se ainda os dados da Tabela 1, a Paraíba no ano de 2011 apresentou um rebanho de 151 mil animais, passando para 137.438 e, por fim, para pouco mais de 174 mil animais. Esses números mostram a pouca expressividade da suinocultura paraibana no contexto regional, uma vez que no primeiro ano da série este representava apenas 2,61% do rebanho nordestino, passando para 2,47% e 3,0% em 2013 e 2015, respectivamente, o que mostra que este se manteve praticamente sem grandes variações.

Se no âmbito regional o rebanho paraibano é pouco expressivo, a nível nacional é menos ainda, uma vez que em 2011 e 2015 este representava apenas 0,39% e 0,43% do rebanho brasileiro, respectivamente.

5.2.2. Evolução dos rebanhos nas Microrregiões Homogêneas

A nível das Microrregiões Homogêneas (MRH) paraibanas, a que possuía o maior rebanho suíno em no ano de 2006 era a de Serra de Teixeira que, no entanto, sofreu uma redução de 35,8% em 2017 se comparado com aquele primeiro ano. Naquele primeiro ano, o segundo maior rebanho era o da MRH de Cajazeiras, vindo logo em seguida a do Cariri Ocidental, que também teve uma redução de 17,18% entre aqueles dois anos.

Um fato que chama atenção foi o aumento significativo do rebanho da MRH de Campina Grande, cujo efetivo passou de 8.825 cabeças para 19.575, um aumento, portanto, de pouco mais de 121%.

O Brejo Paraibano apresentou um aumento de 6.203 cabeças para 7.162 entre 2006 e 2017, mostrando um aumento de menos de mil animais em onze anos. Nessa Microrregião, geralmente os agricultores possuem poucos suínos, dada a ausência de

tradição na criação desses animais, os quais são em sua grande maioria do tipo SRD (sem raça definida), com características de uma suinocultura extensiva, de baixa produtividade.

Outro fato que podemos observar é que, em que pese o aumento de 12,84% do rebanho paraibano nesses onze anos, na maioria nas MRH os rebanhos sofreram redução em seu efetivo, alguns bastante acentuados, como na microrregião de Piancó, que caiu quase 60%, enquanto que a de Itaporanga teve uma redução de quase 50%. No geral, das 23 microrregiões, 10 delas apresentaram queda do rebanho suíno.

Tabela 2
Efetivo do rebanho suíno da Paraíba
segundo as Microrregiões Homogêneas – 2006/2017

Microrregiões Homogêneas	Efetivo (Em cabeças)		Variação (%)
	2006	2017	
01. Brejo Paraibano	6.203	7.162	15,46
02. Cajazeiras	11.603	11.690	0,75
03. Campina Grande	8.825	19.575	121,81
04. Cariri Ocidental	10.422	8.631	- 17,18
05. Cariri Oriental	6.010	10.938	82,00
06. Catolé do Rocha	2.690	4.835	79,74
07. Curimataú Ocidental	8.089	10.188	25,95
08. Curimataú Oriental	5.316	4.689	- 11,79
09. Esperança	2.900	3.194	10,14
10. Guarabira	6.833	6.643	- 2,78
11. Itabaiana	4.593	3.424	- 25,45

12. Itaporanga	2.438	1.223	- 49,83
13. João Pessoa	1.766	1.369	- 22,48
14. Litoral Norte	1.833	1.939	5,78
15. Litoral Sul	600	908	51,33
16. Patos	5.180	4.580	- 11,58
17. Piancó	9.490	3.805	- 59,91
18. Sapé	3.420	2.889	- 15,53
19. Seridó Ocidental	1.916	2.504	30,68
20. Seridó Oriental	1.987	3.429	72,57
21. Serra do Teixeira	13.768	8.839	- 35,80
22. Sousa	4.080	7.809	91,39
23. Umbuzeiro	3.930	9.535	142,62
Total	123.892	139.798	12,84

Fonte: IBGE – Produção Pecuária Municipal para os anos indicados.

Elaboração: INCEPS/UFPB.

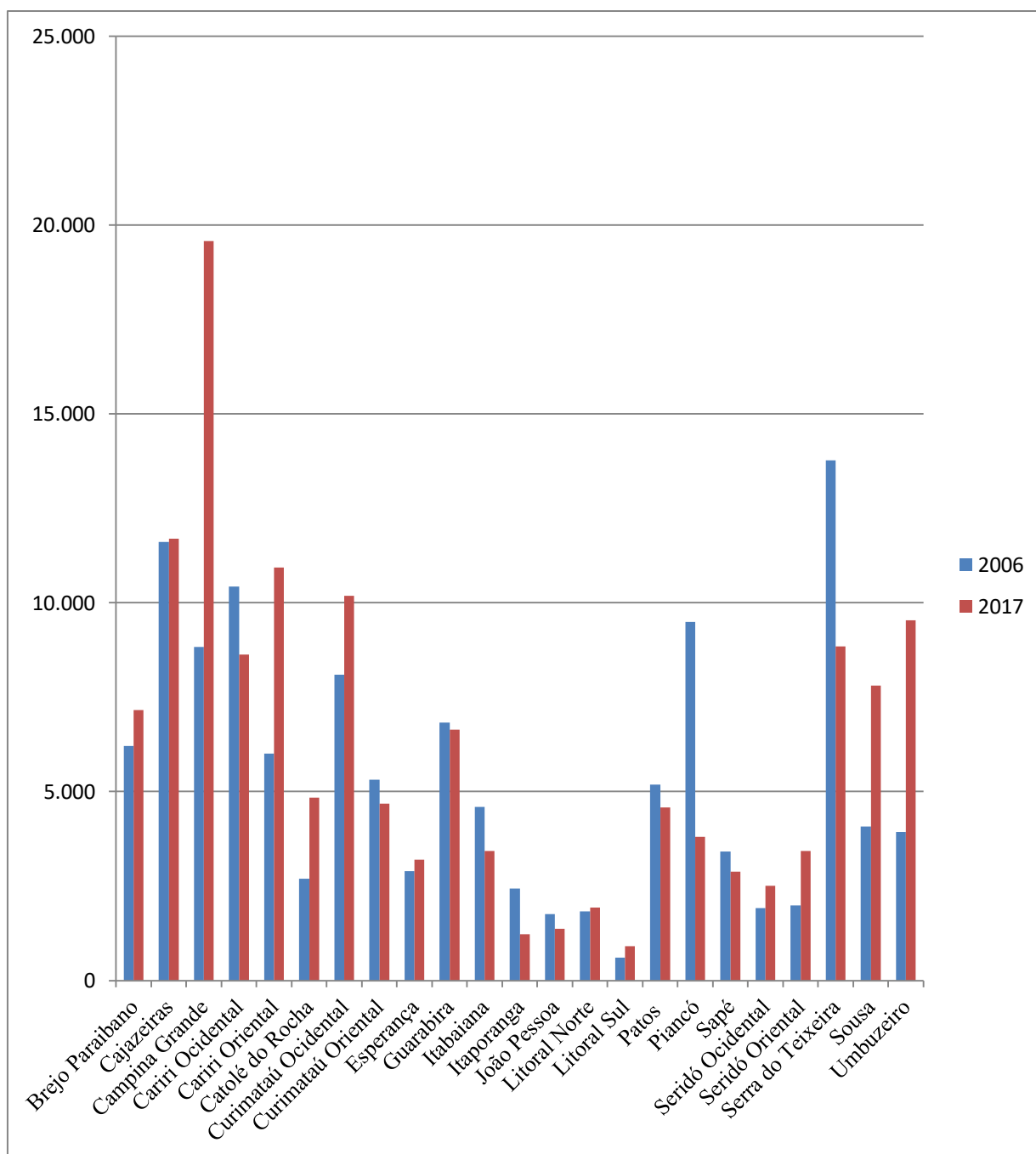


Gráfico 4: Efeito do rebanho suíno da Paraíba segundo as Microrregiões Homogêneas

Observou-se com a pesquisa também melhorias significativas na produção de leitões, os quais apresentam alta qualidade genética que em outras épocas era um fator de produção pouco acessível pela maioria dos suinocultores, de modo que, mesmo nas pequenas criações, tem havido melhorias significativas no padrão genético destes animais, seja para a formação de plantel de matrizes e reprodutores, seja para o abate. Nesse caso, o aumento da produção de ração na região Nordeste fez aumentar o acesso dos pequenos e médios suinocultores a esse importante insumo, melhorando o perfil do

modelo de produção. Em alguns casos, observou-se produção de ração na própria granja, mesmo naquelas de pequeno porte, recurso esse utilizado por produtores que têm acesso aos principais insumos através da Companhia nacional de Abastecimento (CONAB) e ao crédito subsidiado de bancos e programas oficiais para a aquisição de equipamentos destinados à produção de ração. Isso é particularmente importante porque esse insumo representa entre 60% e 70% dos custos de produção, contribuindo assim para a redução desses custos e, conseqüentemente, uma melhoria nos níveis de lucratividade.

Assim, em que pese os problemas que atingem e limitam o desenvolvimento da cadeia produtiva da suinocultura na Paraíba, é visível o fato de que esta tem avançado gradualmente nesses últimos anos, seja em função das melhorias na genética e no manejo dos rebanhos, seja na disponibilidade dos meios financeiros colocados à disposição dos pequenos e médios suinocultores do estado, fazendo com que os produtores aos poucos deixem de criar animais com baixa qualidade genética e tenham acesso aos recursos tecnológicos minimamente necessários, como equipamentos voltados para o manejo nutricional e sanitário que, à medida que a atividade vai se expandindo e melhorando entre esses produtores, os seus preços vão se tornando cada vez mais acessíveis.

5.2.3. Evolução dos rebanhos nas microrregiões do ABC Paraibano

Chama-se de ABC Paraibano o território que abriga os municípios da Mesorregião do Agreste Paraibano e das Microrregiões Homogêneas do Brejo Paraibano e do Cariri Paraibano. A Mesorregião do Agreste é formada por 15 (quinze) municípios. São os seguintes esses municípios: Campina Grande, Guarabira, Queimadas, Esperança, Alagoa Grande, Solânea, Lagoa seca, Itabaiana, Areia, Bananeiras, Cuité, Alagoa Nova, Aroeiras, Araruna e Ingá.

A Microrregião Homogênea do Brejo Paraibano é formada por 8 (oito) municípios, quais sejam: Alagoa Grande, Alagoa Nova, Areia, Bananeiras, Borborema, Matinhas, Pilões e Serraria.

A Microrregião Homogênea do Cariri Paraibano é dividida em duas: Cariri Ocidental e Cariri Oriental. A primeira MRH é formada por 17 municípios, quais sejam: Amparo, Assunção, Camalaú, Congo, Coxixola, Livramento, Monteiro, Ouro Velho, Parari, Prata, São João do Tigre, São José dos Cordeiros, São Sebastião do Umbuzeiro,

Serra Branca, Sumé, Taperoá e Zabelê. A MRH do Cariri Oriental, por sua vez, é constituída por 12 (doze) municípios. São eles: Alcantil, Barra de Santana, Barra de São Miguel, Boqueirão, Cabaceiras, Caraúbas, Caturité, Gurjão, Riacho de Santo Antônio, Santo André, São Domingos do Cariri e São João do Cariri.

Observando-se esses territórios, percebe-se que se trata de duas formas de territorialização, pois uma delas é o conceito de Mesorregião, e o outro o de Microrregião Homogênea. Assim, alguns municípios da Mesorregião do Agreste também fazem parte da Microrregião do Brejo Paraibano, como é o caso de Bananeiras e Areia. Por isso, na nossa análise, daremos prioridade para as MRH do Brejo e do Cariri.

Observando-se a Tabela 1 (em anexo), percebe-se um aumento de 15,46% do efetivo do rebanho suíno na MRH do Brejo Paraibano entre os anos de 2006 e 2017. Por outro lado, pelo seu tamanho, percebe-se que a suinocultura não tem grande representatividade na pecuária da referida Microrregião, pois este passou de 6.203 para 7.162 animais em 2017. No primeiro ano do período em análise, o município que possuía o maior rebanho foi o de Areia, com 2.297 animais, vindo em seguida Bananeiras, com 997 animais. Porém, houve uma queda significativa do efetivo de Areia em 2017 se comparado com 2016, passando para apenas 1.158 animais, apontando para uma redução de quase 50% (49,59%), ao passo que o efetivo de Bananeiras passou para 1.356 animais, um aumento, portanto, de 36%.

Na Microrregião Homogênea do Cariri Ocidental (Tabela 4 em anexo), houve uma queda de 17,18% no efetivo do rebanho suíno entre os anos de 2006 e 2017, passando de 10.422 para 8.631 animais. Aliás, de seus 17 municípios, 11 apresentaram queda do seu efetivo no referido período. Em 2006, o município que liderava em termos de tamanho do rebanho foi o de Sumé, com 1.680 animais, caindo para apenas 534 em 2017, ao passo que no município de Monteiro houve um aumento significativo do efetivo de suínos, passando de 1.565 em 2006 para 3.060 animais em 2017, um aumento, portanto, de 95,5%.

Na Microrregião Homogênea do Cariri Oriental, por sua vez (Tabela 5 em anexo), houve um aumento de 82% no efetivo do rebanho suíno entre os anos de 2006 e 2017, passando de 6.010 para 10.938 animais. Mesmo assim, de seus 12 municípios, metade deles apresentou queda dos seus efetivos no referido período. Em 2006, o município que liderava em termos de tamanho do rebanho foi o de Caturité, com apenas 835 animais, passando para 1.313 em 2017, acusando assim um aumento de 57,25%,

mesmo se tratando de um número bastante pequeno. O município de Monteiro, por sua vez, apresentou um aumento recorde de seu efetivo (mais de 633%), passando de 600 animais em 2006 para 4.400 em animais em 2017.

Na Mesorregião do Agreste Paraibano, o desempenho do rebanho suíno não foi diferente das microrregiões acima analisadas, uma vez que em sua grande maioria, os seus municípios, além de possuírem um número de animais pouco expressivo, na maioria deles houve queda do efetivo desse rebanho entre os anos de 2006 e 2017. Além disso, há poucos municípios que se possa destacar em termos de rebanho suíno, a exemplo de Queimadas, cujo rebanho passou de 2.359 animais para 5.569 entre aqueles dois anos de referência.

6. DESEMPENHO GERAL DA SUINOCULTURA NO ESTADO DA PARAÍBA

6.1. Considerações gerais

Pelos dados apresentados na seção anterior, pode-se observar que os dados não mostram uma sustentabilidade da suinocultura no estado da Paraíba, pois o efetivo de seus rebanhos não apontam para um crescimento a médio e longo prazos; pelo contrário, mais da metade dos municípios paraibanos apresentaram queda do seu rebanho entre os quase dez anos (uma década, portanto) que separam os anos de 2006 e 2017.

São muitas as causas do decréscimo do rebanho de suínos na Paraíba. Além de haver causas muito diversas, essas ocorreram de forma diferenciada nas diferentes microrregiões homogêneas do estado, de modo que diferentes fatores contribuíram de forma diferenciada e até mesmo com diferente intensidade para o decréscimo dos rebanhos em algumas dessas microrregiões, ao passo que em outras a atividade da suinocultura cresceu significativamente, mesmo tendo enfrentado períodos de seca mais prolongados e mais intensos do que outros.

Tudo isso resulta em um baixo desempenho da suinocultura na Paraíba de um modo geral e, mais especificamente, no ABC Paraibano. Trata-se da confluência de uma série de problemas que, de um modo geral, podem ser resumidos como sendo derivados de quatro diferentes fatores: os fatores climáticos, econômicos, técnicos e culturais e, por fim, os fatores de natureza política, como detalhados a seguir.

6.2. Principais causas do baixo desenvolvimento da suinocultura paraibana

a) Fatores climáticos

Pelas suas características fisiológicas, os suínos são animais extremamente sensíveis a situações de estresse hídrico e, por isso, tem na abundância de água um importante aliado no seu desenvolvimento. Por isso, podemos apontar como uma das principais causas do reduzido dinamismo da suinocultura no estado da Paraíba a precariedade das condições de convivência com os longos períodos de estiagem que resulta na falta de armazenamento de alimentos para as épocas de maior dificuldade.

Assim, não há dúvidas de que de todas as causas responsáveis pelo fraco desempenho dessa atividade agropecuária, talvez a mais importante delas seja os efeitos das estiagens sobre a produção, fenômeno climático que se repete de forma cíclica e que traz muitos prejuízos para os suinocultores. O principal desses prejuízos é, com certeza,

os efeitos sobre as condições de alimentação dos animais, pois a escassez que resulta da perda da produção dos principais componentes das rações faz com que este, que é o mais importante insumo da suinocultura leva a um aumento muitas vezes exagerado de seus preços. Assim, a falta de alimentos em quantidade e qualidade para os animais provoca a curto ou curtíssimo prazo a perda de eficiência produtiva, com a consequente redução da produção, em quantidade de carne e derivados como também em sua qualidade, pois o emagrecimento dos animais obriga os criadores menos capitalizados a vender parte ou a totalidade de seus rebanhos por preços extremamente baixos, gerando assim um endividamento do produtor, podendo isso se tornar um problema crônico, podendo até fazer com que abandone a atividade, fato bastante comum apontado pelas entrevistas com produtores de pequeno e médio portes.

De um modo cumulativo, ou seja, tomando-se a cadeia produtiva da suinocultura como um todo, a médio e longo prazo a escassez de alimentos provocou, na maior parte dos municípios paraibanos uma redução significativa dos rebanhos provocada principalmente pela venda para o abate precoce de animais, inclusive daqueles que se tinha na conta dos suinocultores como reprodutores e matrizes para suprir a falta do produto no mercado, prejudicando assim a reprodução nos anos seguintes. Além disso, entre outros problemas causados pela inadequada alimentação dos animais está a perda de sua qualidade genética, uma vez que já há comprovação científica de que a subnutrição dos animais (reprodutores e matrizes) gera a longo prazo uma degeneração genética provocada pela perda de nutrientes essenciais responsáveis pela seleção genética das futuras gerações.

b) Fatores técnicos e econômicos

Assim como ocorre nos demais segmentos do setor agropecuário, a do ponto de vista técnico e econômico, a suinocultura na Paraíba é igualmente pouco tecnificada, coexistindo, de um lado, muitos produtores que trabalham com formas tradicionais de produção e, de outro, um seleto grupo de produtores que ousaram tecnificar a produção, mesmo que em pequena ou média escala econômica.

As visitas realizadas durante a pesquisa para a elaboração do presente TCC mostraram isso. Alguns produtores visitados já possuem uma certa especialização, uns trabalhando para a reprodução, especializando-se na venda de leitões para formação de plantéis de reprodutores e matrizes, além de animais para engorda e abate. São granjas onde os suínos eram todos identificados e confinados em gaiolas e também em baias,

estando os machos separados em baias com uma distância das fêmeas tecnicamente recomendada, e onde as fêmeas parem em média de 12 a 13 animais com uma reduzida taxa de mortalidade. Um desses produtores tinha um plantel que pode ser considerado pequeno, com 13 (treze) fêmeas e 2 (dois) reprodutores, sendo este um padrão básico de produção mínima para se atingir um patamar mais elevado de produção.

Do ponto de vista econômico, o que diferencia os criadores de base familiar, que são a maioria, e aqueles que já produzem com uma certa especialização é o maior ou menor grau de dificuldade de acesso aos recursos da produção, a começar pela ração, cujos preços são considerados muito elevados, mesmo para os produtores de porte médio. As constantes elevações dos preços dos insumos são, assim, a principal causa de redução da margem de lucro, a qual muitas para a maioria dos suinocultores paraibanos fica muito próximo dos custos de produção. Uma saída para esse problema tem sido o investimento em pequenas unidades de produção de ração no próprio local de criação, como estratégia de redução dos custos do manejo alimentar, mas essa estratégia não está ao alcance da grande maioria dos criadores.

Além dos fatores econômicos acima citados, outros podem ser elencados entre aqueles que mais contribuem para o fraco desempenho da suinocultura paraibana, pois, se por um lado as constantes elevações dos custos dos insumos limita o desenvolvimento do setor em bases sustentáveis, por outro há também a dificuldade de acesso dos produtores ao mercado para os seus produtos e a inadequação das linhas de crédito para os produtores, pois estes são muito heterogêneos, especialmente para os produtores familiares, dificultando a operacionalização de linhas de crédito especialmente criadas para este segmento da agropecuária.

Com relação ao primeiro problema, os produtores pesquisados (tanto os familiares como os de base empresarial) destacam os preços dos insumos que compõem as rações dos suínos, os quais tiveram nesses últimos cinco anos fortes elevações de preço devido principalmente ao aumento das exportações dessas commodities (milho e soja, principalmente), pois isso leva a uma diminuição da disponibilidade interna desses insumos. Na origem desse problemas estão as pressões provocadas pela crescente demanda da China tanto por esses insumos in natura como incorporado em outros produtos, como as carnes bovina, suína e de frangos. Apenas para dar um exemplo, entre os anos de 2010 e 2015, o preço da tonelada de milho no mercado interno brasileiro teve um aumento de 136% em termos reais, ou seja, descontada a inflação do período, o mesmo tendo acontecido com a soja, embora em menor proporção (86%), o

que elevou enormemente os custos de produção para os produtores. Consequentemente, grande parte dos produtores não têm acesso a mercados especializados para o seu produtos, pois o mercado de carne suína tem operado de forma cada vez mais competitiva, onde só permanece quem opera com um nível minimamente adequado de produtividade; para isso, ele tem que estar em uma posição sólida na cadeia produtiva, pois o mercado não permite que os criadores repassem aos consumidores a elevação dos custos de produção, fazendo com que só quem tem ganhos de produtividade é que pode garantir uma renda em bases minimamente sustentáveis.

O problema acima referido denota que as dificuldades de acesso dos suinocultores ao mercado de seus produtos decorrem da falta de competitividade destes, pois trata-se de mercados que tendem a se tornar cada vez mais elásticos e mais exigentes não só em termos de qualidade, mas de preços competitivos para os produtores e acessíveis para os consumidores. Assim, muito poucos suinocultores no estado possuem capacidade de fornecer seus produtos em condições de regularidade e quantidade exigidas pelo mercado. Some-se a isso uma legislação sanitária que tem aumentado significativamente as exigências legais sobre o fornecimento de produtos em mercados especializados, seja o privado, seja o das compras governamentais, o que tem levado muitos produtores a buscarem alternativas para permanecer no mercado, entre estas a constituição de grupos informais de compra de insumos e de cooperativas ou associações.

Por fim, ainda com relação à dificuldade de acesso ao crédito por parte da maioria dos criadores, deve-se dizer que embora haja uma série de linhas de crédito no âmbito das políticas públicas, como é o caso do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) e tantos outros programas voltados para as pequenas e médias empresas rurais e para a agricultura familiar, há por outro lado uma série de restrições ao acesso a essas linhas de crédito. A primeira delas é o excesso de burocracia, seguido de problemas de execução orçamentária, o que faz com que muitas vezes a liberação do crédito ocorra fora do período mais adequado da produção. Além disso, o endividamento dos pequenos e médios criadores os impede de ter acesso a créditos em condições mais vantajosas.

c) Fatores culturais

Os fatores culturais são outros que pesam contra a produção de carne e derivados de suínos, mas isso já foi bem pior no passado e tem passado por um processo de

mudanças. A própria palavra “porcaria”, que denota algo sujo ou que não tem valor foi incorporado ao nosso dicionário por conta da forma desprestigiada como os porcos foram tratados na história do Brasil.

Esse “preconceito” na verdade decorre da forma como a cadeia produtiva da suinocultura se organizou no Brasil. Ao contrário do que ocorreu com a avicultura e a bovinocultura em meados da década de 1970, a criação de suínos era pouco profissionalizada, com baixos cuidados sanitários, o que por muitos anos fortaleceu essa imagem de produto prejudicial à saúde. E foi justamente essa característica que foi o principal objeto de preocupação das empresas que apostaram na carne suína como um produto de elevada capacidade de ganho de mercado, apostando em estratégias de produção baseada em segurança nutricional e sanitária e, mais do que isso, em uma estratégia de marketing voltada para a desconstrução da ideia de que a carne suína não era um alimento saudável. De fato, em sua grande maioria, os criadores de suínos na Paraíba ainda se encontra nesse estágio de reduzida profissionalização e tecnificação da produção, o que contribui para o reduzido grau de desenvolvimento do setor na Paraíba, fazendo com que o estado seja extremamente dependente da oferta da carne suína e de seus derivados vindos de outros estados.

Esse problema se origina, portanto, no manejo dos rebanhos suínos entre os criadores do estado que, com raras exceções, não obedecem à adoção de boas práticas de produção agropecuária nas suas três dimensões: manejo reprodutivo, manejo sanitário e manejo nutricional. Assim, a continuação de métodos tradicionais que não permitam ganhos mínimos de produtividade tende a deixar a maioria dos produtores em situação marginal no mercado de seus produtos.

Mesmo a suinocultura tendo passado por um processo de modernização e de enfrentamento da má reputação dos suínos, não se deve subestimar os fatores de ordem cultural que interferem no desenvolvimento da sua cadeia produtiva, sobretudo nos mercados menos exigentes e mais descapitalizados que buscam na suinocultura apenas produtos básicos, como a carne, onde o consumo de produtos mais sofisticados, como cortes especiais ainda é muito pequeno e limitado. Não é incomum ouvirmos dos consumidores que não comem carne de porco porque são sujos e possuem mau odor, ou que apresentam alto risco de contaminação por verminose. Mais do que isso, o consumo da carne de suíno, ou do popular “porco” sempre foi associado ao estilo de vida dos matutos ou de “gente de pouca cultura”, um tratamento um tanto preconceituoso que a

suinocultura há muito tem superado com a modernização da produção, mas isso ainda não está ao alcance da suinocultura paraibana.

7. OPORTUNIDADES PARA O DESENVOLVIMENTO DO SETOR

7.1. Considerações iniciais

O panorama de redução drástica dos rebanhos de suínos na Paraíba não deve ser visto como um problema insuperável, mesmo porque não se trata de um fato restrito à Paraíba, e sim ao Nordeste e mesmo ao Brasil como um todo. É bom lembrar que mesmo a nível nacional, em alguns anos recentes houve redução significativa do rebanho suíno. Se por um lado os produtores enfrentam problemas e obstáculos ao desenvolvimento pleno dessa atividade na Paraíba, por outro há também uma série de oportunidades que podem alavancar um processo de modernização e fortalecimento de sua cadeia produtiva, como ocorreu com a avicultura e, mais recentemente, tem ocorrido com a carcinicultura e a piscicultura.

Aqui podemos chamar de oportunidade tudo que houver disponível em prol de um processo de desenvolvimento que, por diversas razões, não estão sendo devidamente aproveitadas ou o são de forma inadequada. Uma oportunidade, qualquer que seja ela (de natureza técnica, econômica, financeira ou institucional) se bem aproveitada, pode gerar um ambiente de sinergia em que as forças produtivas agregam eficiência ao processo produtivo, melhorando-o em todos os aspectos e lhe dando uma dinâmica própria.

As principais oportunidades que se apresentam para deslançar o desenvolvimento da suinocultura paraibana são apresentadas a seguir.

7.2. Principais oportunidades

a) Pesquisas e desenvolvimento (P&D)

Há no Brasil uma enorme gama de instituições e organismos que desenvolvem pesquisas na área da suinocultura, sejam elas na esfera federal ou estadual, a exemplo da EMBRAPA, considerada uma das mais respeitadas instituições de pesquisas agropecuárias e que tem desenvolvido um papel de grande relevância na modernização e fortalecimento da cadeia produtiva dos suínos no Brasil.

Na Paraíba há algumas instituições que desenvolvem igualmente pesquisas de alta qualidade em suinocultura nas áreas de melhoramento genético e manejo reprodutivo, sanitário e nutricional que podem ser de grande utilidade para os

suinocultores, como a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) em seus campi de Bananeiras e Areia; a Universidade Federal de Campina Grande, no Campus de Patos; a Universidade Estadual da Paraíba, em seu Campus de Lagoa Seca.

b) Políticas públicas

As políticas públicas disponíveis para o setor da suinocultura são constituídas por uma série de programas que atuam direta ou indiretamente no fomento do desenvolvimento dessa atividade, entre os quais podemos citar:

- ✓ Financiamento da suinocultura de base familiar, como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF, além de outros oferecidos pelos bancos de fomento da agropecuária, como o Banco do Brasil e o Banco do Nordeste.
- ✓ Compras governamentais à agricultura familiar, como o Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE, que inclui a carne de suínos e seus derivados entre seus itens de compras.
- ✓ Regularização do mercado agrícola, a exemplo da Companhia Nacional de Abastecimento – CONAB, que vende estoques reguladores de importantes insumos para a suinocultura, como milho e o farelo de soja a preços abaixo dos praticados pelo mercado privado.
- ✓ Políticas de assistência técnica e extensão rural e de desenvolvimento tecnológico, que têm na Empresa Paraibana de Assistência técnica e Regularização Fundiária (EMPAER) a sua principal instituição prestadora desses serviços.

Além disso, devemos lembrar que a *Lei nº 11.947*, de 16 de junho de 2009, determina que no mínimo 30% do valor repassado aos estados, municípios e ao Distrito Federal pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE (atualmente chamado FUNDEB) sejam destinados à *alimentação escolar* para a compra de alimentos diretamente da *agricultura familiar*. Infelizmente, muitas vezes os recursos destinados a este Fundo terminam sem ser utilizados devido à incapacidade dos suinocultores em fornecer os seus produtos na quantidade e qualidade exigidos pela legislação que regula essas compras. Na Paraíba, por exemplo, a carne de porco ainda não é item da alimentação escolar nas redes públicas de ensino, ao contrário de estados como o Rio Grande do Sul e Santa Catarina onde esse produto é largamente consumido na alimentação escolar.

c) Nutrição animal

Trata-se de uma importante oportunidade para deslanchar o desenvolvimento da suinocultura devido à existência hoje de uma extensa rede de venda de insumos para alimentação dos rebanhos suínos, pois atualmente o Nordeste conta com um número muito elevado de fabricantes de rações e outros insumos alimentícios. Além disso, a indústria de equipamentos se desenvolveu a tal ponto que hoje já é possível os produtores de porte médio montarem sua própria unidade de produção de rações, pois muitos dos equipamentos necessários foram adaptados para as condições da suinocultura explorada em pequena ou média escala.

d) Apoio institucional

No campo do apoio institucional, há à disposição da suinocultura uma gama de instituições que apoiam, cada uma delas em suas respectivas áreas, o desenvolvimento da cadeia produtiva desse setor. A começar pelo SEBRAE-PB, que atua na área de consultoria técnica e empresarial junto aos produtores, sejam eles organizados em grupos informais, sejam em associações formais. O SENAR-PB e a EMPAER são outras duas instituições que têm atuado na organização da cadeia produtiva da suinocultura no campo da capacitação técnica e no da assistência técnica e extensão rural, respectivamente.

Complementando o rol dessas instituições de apoio à suinocultura há o SESCOOP-PB, que atua na área de consultoria em constituição e em gestão de cooperativas, além dos bancos oficiais que apoiam a atividade na área de crédito, como o Banco do Brasil e o Banco do Nordeste.

e) Mercado em expansão

Essa é uma das grandes oportunidades para o desenvolvimento da cadeia produtiva da suinocultura, qual seja, um mercado de demanda crescente de carne de porco e seus derivados, mercado este que tem crescido a taxas superiores às da bovinocultura e da avicultura. Isso tem ocorrido por duas razões: as mudanças nos hábitos alimentares do consumidor brasileiro e a crescente valorização da cozinha regional, com destaque para o crescimento vertiginoso da demanda por carnes menos valorizadas entre os consumidores das classes populares nos médios e grandes centros urbanos, bem como para exportação.

Várias pesquisas de organizações governamentais e não governamentais apontam para o crescimento do mercado de carne de porco e seus derivados nos segmentos mais exigentes e de mais alta renda, em que se destacam carnes em cortes especiais. Mesmo o mercado representado pelas camadas de média e baixa renda da população também representa um grande potencial de crescimento para a suinocultura, pois, além de se tratar de um alimento básico da população brasileira, o aumento dessa carne tem a seu favor o fato de que as carnes bovinas e de aves praticamente atingiram o seu limite em matéria de consumo per capita no Brasil.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Paraíba pouco aumentou o rebanho no decorrer dos anos, muitas regiões do estado houve redução do número de animais, já em outras ocorreu um aumento significativo. Há pouca expressividade da suinocultura em muitas regiões do estado. No Brejo houve o aumento de menos de mil animais em onze anos, mostrando a pouca relevância da atividade na região. Grande parte da produção também é de animais sem raça definida, de modo extensivo.

De um modo geral, podemos dizer que a moderna suinocultura ainda está engatinhando no estado da Paraíba. Mesmo de forma lenta, estão sendo vistos empreendimentos em regiões da Paraíba, desde Litoral ao Alto Sertão, que mostra que a atividade está crescendo. Os fatores que motivam a produção é o retorno financeiro, incentivos que estão ocorrendo, maior procura por carne e seus derivados.

O baixo desempenho da suinocultura na Paraíba, de um modo geral e, mais especificamente, no ABC Paraibano, é o resultado da confluência de uma série de problemas que, de um modo geral, podem ser resumidos como sendo derivados de cinco diferentes fatores: os fatores climáticos, econômicos, técnicos e culturais e, por fim, os fatores de natureza política, os quais interferem diretamente no quantitativo de animais no Estado, criando muitos obstáculos ao pleno desenvolvimento dessa atividade.

REFERÊNCIAS

ABCS. **Produção de Suínos - teoria e prática**. Brasília: Abcs, 2014. 1 v. Disponível em:

http://www.abcs.org.br/attachments/1823_Livro%20Produ%C3%A7%C3%A3o.pdf.

Acesso em: 05 mar. 2020.

A SUINOCULTURA no Brasil. São Paulo: Revista Agropecuária, 2015.

CARVALHO, J.H. de. 2000. **Conservação de recursos genéticos de animais domésticos do Nordeste**. In: Congresso Nordestino De Produção Animal, 2. Teresina. Anais... Teresina: Sociedade Nordestina de Produção. Embrapa Meio-Norte, 20-23 nov., 2000. Vol. 1, p. 55-70. <https://www.redalyc.org/pdf/495/49520763.pdf>.

SILVA, T. C.; FERREIRA, P. R. **O Programa de Aquisição de Alimentos sob a Ótica dos Atores Sociais Envolvidos**. Desenvolvimento em Questão, v. 14, n. 33, p. 301-329, 2016.

EMBRAPA SUÍNOS E AVES (Brasil). **Central de Inteligência de Aves e Suínos**. Brasília, 2018. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/suinos-e-aves/cias/estatisticas/suinos/brasil>>. Acesso em: 02 set. 2019

VASCONCELOS, Alberes Catão de. **Estudo Retrospectivo das Doenças de Suínos Diagnosticadas no Laboratório de Patologia Veterinária da Universidade Federal da Paraíba**. 2018. 27 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em Medicina Veterinária, Universidade Federal da Paraíba, Areia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/4529/1/ACV18072018.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2020.

KNECHTEL, Maria do Rosário. **Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada**. Curitiba: Intersaberes, 2014.

SEBRAE. **Conheça os avanços na produção de suínos**. Brasil: Sebrae, 2019. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br>. Acesso em: 27 mar.

SEBRAE. **Potencialidades e desafios da suinocultura**. Brasil: Sebrae, 2019. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/conheca-potencialidades-e-desafios-da-suinocultura,93d89e665b182410VgnVCM100000b272010aRCRD>. Acesso em: 03 mar. 2020.

ANEXOS

REBANHOS SUÍNOS NA PARAÍBA SEGUNDO AS SUAS MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS E MUNICÍPIOS

Tabela 1
Efetivo do rebanho suíno na
Microrregião Homogênea do Brejo Paraibano – 2006/2017

Municípios	Efetivo (Em cabeças)		Variação (%)
	2006	2017	
01. Alagoa Grande	939	2.513	167,63
02. Alagoa Nova	815	1.141	40,0
03. Areia	2.297	1.158	- 49,59
04. Bananeiras	997	1.356	36,00
05. Borborema	182	96	- 47,25
06. Matinhas	330	578	75,15
07. Pilões	294	140	- 52,38
08. Serraria	349	180	- 48,42
Total	6.203	7.162	15,46

Fonte: IBGE – Produção Pecuária Municipal para os anos indicados.

Elaboração: INCEPS/UFPB.

Tabela 2
Efetivo do rebanho suíno da
Microrregião Homogênea de Cajazeiras – 2006/2017

Municípios	Efetivo (Em cabeças)		Variação (%)
	2006	2017	
01. Bernardino Batista	530	522	-1,51
02. Bom Jesus	245	141	- 42,45
03. Bonito de Santa Fé	1.690	932	- 44,85
04. Cachoeira dos Índios	920	1.218	32,39
05. Cajazeiras	1.880	2.107	12,07
06. Carrapateira	205	89	- 56,59
07. Joca Claudino	-	166	-
08. Monte Horebe	850	431	- 49,29
09. Poço Dantas	400	206	- 48,50
10. Poço de José de Moura	790	559	- 29,24
11. Santa Helena	500	391	- 21,80
12. São João do Rio do Peixe	1.200	1.544	28,67
13. São José de Piranhas	913	1.423	55,86
14. Triunfo	660	884	33,94
15. Uiraúna	820	1.077	31,34
Total	11.603	11.690	0,75

Fonte: IBGE – Produção Pecuária Municipal para os anos indicados.

Elaboração: INCEPS/UFPB.

Tabela 3
Efetivo do rebanho suíno da
Microrregião Homogênea de Campina Grande – 2006/2017

Municípios	Efetivo (Em cabeças)		Variação (%)
	2006	2017	
01. Boa Vista	385	2.137	455,06
02. Campina Grande	1.450	3.734	157,52
03. Fagundes	1.300	850	- 34,62
04. Lagoa Seca	860	2.032	136,28
05. Massaranduba	730	2.071	183,70
06. Puxinanã	1.240	2.766	123,06
07. Queimadas	2.350	5.569	136,98
08. Serra Redonda	510	416	- 18,43
Total	8.825	19.575	121,81

Fonte: IBGE – Produção Pecuária Municipal para os anos indicados.

Elaboração: INCEPS/UFPB.

Tabela 4
Efetivo do rebanho suíno da
Microrregião Homogênea do Cariri Ocidental – 2006/2017

Municípios	Efetivo (Em cabeças)		Variação (%)
	2006	2017	
01. Amparo	141	83	- 41,13
02. Assunção	216	443	105,09
03. Camalaú	545	487	- 10,64
04. Congo	750	260	- 65,33
05. Coxixola	215	76	- 64,65
06. Livramento	321	422	31,46
07. Monteiro	1.565	3.060	95,53
08. Ouro Velho	380	386	1,58
09. Parari	335	112	- 66,57
10. Prata	436	176	- 59,63
11. São João do Tigre	830	184	- 77,83
12. São José dos Cordeiros	685	335	- 51,09
13. São Sebastião do Umbuzeiro	760	162	- 78,68
14. Serra Branca	380	779	105,00
15. Sumé	1.680	534	- 68,21
16. Taperoá	758	940	24,01
17. Zabelê	425	192	- 54,82
Total	10.422	8.631	- 17,18

Fonte: IBGE – Produção Pecuária Municipal para os anos indicados.

Elaboração: INCEPS/UFPB.

Tabela 5
Efetivo do rebanho suíno da
Microrregião Homogênea do Cariri Oriental – 2006/2017

Municípios	Efetivo (Em cabeças)		Variação (%)
	2006	2017	
01. Alcantil	475	932	96,21
02. Barra de Santana	600	4.400	633,33
03. Barra de São Miguel	540	689	27,59
04. Boqueirão	680	1.876	175,88
05. Cabaceiras	457	314	- 31,29
06. Caraúbas	500	154	- 69,20
07. Caturité	835	1.313	57,25
08. Gurjão	445	201	- 54,83
09. Riacho de Santo Antônio	325	42	- 87,08
10. Santo André	360	284	- 21,11
11. São Domingos do Cariri	313	236	- 24,60
12. São João do Cariri	480	497	3,54
Total	6.010	10.938	82,00

Fonte: IBGE – Produção Pecuária Municipal para os anos indicados.

Elaboração: INCEPS/UFPB.

Tabela 6
Efetivo do rebanho suíno da
Microrregião Homogênea de Catolé do Rocha – 2006/2017

Municípios	Efetivo (Em cabeças)		Variação (%)
	2006	2017	
01. Belém do Brejo do Cruz	310	566	82,58
02. Bom Sucesso	130	216	66,15
03. Brejo do Cruz	170	938	451,76
04. Brejo dos Santos	76	325	327,63
05. Catolé do Rocha	510	907	77,84
06. Jericó	55	207	276,36
07. Lagoa	213	209	- 1,88
08. Mato Grosso	30	21	- 30,00
09. Riacho dos Cavalos	376	238	- 36,70
10. São Bento	695	1.057	152,09
11. São José do Brejo do Cruz	125	151	20,80
Total	2.690	4.835	79,74

Fonte: IBGE – Produção Pecuária Municipal para os anos indicados.

Elaboração: INCEPS/UFPB.

Tabela 7
Efetivo do rebanho suíno da
Microrregião Homogênea do Curimataú Ocidental – 2006/2017

Municípios	Efetivo (Em cabeças)		Variação (%)
	2006	2017	
01. Algodão de Jandaíra	621	196	- 68,44
02. Arara	350	574	64,00
03. Barra de Santa Rosa	1.728	930	- 46,18
04. Cuité	1.843	1.310	- 28,92
05. Damião	439	495	12,76
06. Nova Floresta	324	908	180,25
07. Olivedos	311	525	68,81
08. Pocinhos	1.019	2.737	168,60
09. Remígio	428	605	41,36
10. Soledade	448	1.588	254,46
11. Sossego	578	320	- 44,64
Total	8.089	10.188	25,95

Fonte: IBGE – Produção Pecuária Municipal para os anos indicados.

Elaboração: INCEPS/UFPB.

Tabela 8
Efetivo do rebanho suíno da
Microrregião Homogênea do Curimataú Oriental – 2006/2017

Municípios	Efetivo (Em cabeças)		Variação (%)
	2006	2017	
01. Araruna	1.002	917	- 8,48
02. Cacimba de Dentro	1.568	712	- 54,59
03. Casserengue	304	644	111,84
04. Dona Inês	377	738	95,76
05. Riachão	279	198	- 29,03
06. Solânea	1.377	926	- 32,75
07. Tacima	409	554	35,45
Total	5.316	4.689	- 11,79

Fonte: IBGE – Produção Pecuária Municipal para os anos indicados.

Elaboração: INCEPS/UFPB.

Tabela 9
Efetivo do rebanho suíno da
Microrregião Homogênea de Esperança – 2006/2017

Municípios	Efetivo (Em cabeças)		Variação (%)
	2006	2017	
01. Areial	484	469	- 3,10
02. Esperança	1.425	1.198	- 15,93
03. Montadas	359	725	101,95
04. São Sebastião de Lagoa de Roça	632	802	26,90
Total	2.900	3.194	10,14

Fonte: IBGE – Produção Pecuária Municipal para os anos indicados.

Elaboração: INCEPS/UFPB.

Tabela 10
Efetivo do rebanho suíno da
Microrregião Homogênea de Guarabira – 2006/2017

Municípios	Efetivo (Em cabeças)		Variação (%)
	2006	2017	
01. Alagoinha	333	705	111,71
02. Araçagi	915	660	- 27,87
03. Belém	279	457	63,80
04. Caiçara	457	309	- 32,39
05. Cuitegi	180	876	386,67
06. Duas Estradas	352	117	- 66,76
07. Guarabira	1.836	1.206	- 34,31
08. Lagoa de Dentro	294	158	- 46,26
09. Logradouro	268	294	9,70
10. Mulungu	870	652	- 25,06
11. Pilõezinhos	258	659	255,43
12. Pirpirituba	287	282	- 1,74
13. Serra da Raiz	273	152	- 44,32
14. Sertãozinho	231	206	- 10,82
Total	6.833	6.643	- 2,78

Fonte: IBGE – Produção Pecuária Municipal para os anos indicados.

Elaboração: INCEPS/UFPB.

Tabela 11
Efetivo do rebanho suíno da
Microrregião Homogênea de Itabaiana – 2006/2017

Municípios	Efetivo (Em cabeças)		Variação (%)
	2006	2017	
01. Caldas Brandão	705	125	- 82,27
02. Gurinhém	640	472	- 26,25
03. Ingá	375	393	4,80
04. Itabaiana	500	972	94,40
05. Itatuba	440	587	33,41
06. Juarez Távora	398	90	- 77,39
07. Mogeiro	1.010	250	- 75,25
08. Riachão do Bacamarte	205	132	- 35,61
09. Salgado de São Félix	320	403	25,94
Total	4.593	3.424	- 25,45

Fonte: IBGE – Produção Pecuária Municipal para os anos indicados.

Elaboração: INCEPS/UFPB.

Tabela 12
Efetivo do rebanho suíno da
Microrregião Homogênea de Itaporanga – 2006/2017

Municípios	Efetivo (Em cabeças)		Variação (%)
	2006	2017	
01. Boa Ventura	1.378	311	- 77,43
02. Conceição	5.317	2.294	- 56,85
03. Curral Velho	978	397	- 59,40
04. Diamante	2.557	672	- 73,71
05. Ibiara	1.960	667	- 65,96
06. Itaporanga	2.438	1.223	- 49,83
07. Pedra Branca	847	264	- 68,83
08. Santa Inês	1.213	728	- 39,98
09. Santana de Mangueira	1.353	696	- 48,55
10. São José de Caiana	1.395	465	- 66,66
11. Serra Grande	936	550	- 41,23
Total	20.372	8.267	- 59,41

Fonte: IBGE – Produção Pecuária Municipal para os anos indicados.

Elaboração: INCEPS/UFPB.

Tabela 13
Efetivo do rebanho suíno da
Microrregião Homogênea de João Pessoa – 2006/2017

Municípios	Efetivo (Em cabeças)		Variação (%)
	2006	2017	
Bayeux	81	92	13,58
Cabedelo	36	298	727,78
Conde	713	628	- 11,92
João Pessoa	770	145	- 81,17
Lucena	63	187	196,83
Santa Rita	103	111	7,77
Total	1.766	1.461	- 17,27

Fonte: IBGE – Produção Pecuária Municipal para os anos indicados.

Elaboração: INCEPS/UFPB.

Tabela 14
Efetivo do rebanho suíno da
Microrregião Homogênea do Litoral Norte – 2006/2017

Municípios	Efetivo (Em cabeças)		Variação (%)
	2006	2017	
Baía da Traição	118	22	- 81,36
Capim	225	33	- 85,33
Cuité de Mamanguape	184	162	- 11,96
Curral de Cima	135	93	- 31,11
Itapororoca	223	145	- 34,98
Jacaraú	273	523	91,58
Mamanguape	208	353	69,71
Marcação	151	22	- 85,43
Mataraca	50	39	- 22,00
Pedro Régis	100	202	102,00
Rio Tinto	166	345	107,83
Total	1.833	1.939	5,78

Fonte: IBGE – Produção Pecuária Municipal para os anos indicados.

Elaboração: INCEPS/UFPB.

Tabela 15
Efetivo do rebanho suíno da
Microrregião Homogênea do Litoral Sul – 2006/2017

Municípios	Efetivo (Em cabeças)		Variação (%)
	2006	2017	
Alhandra	134	331	147,01
Caaporã	42	88	109,52
Pedras de Fogo	285	428	50,18
Pitimbu	139	61	- 56,16
Total	600	908	51,33

Fonte: IBGE – Produção Pecuária Municipal para os anos indicados.

Elaboração: INCEPS/UFPB.

Tabela 16
Efetivo do rebanho suíno da
Microrregião Homogênea de Patos – 2006/2017

Municípios	Efetivo (Em cabeças)		Variação (%)
	2006	2017	
Areia de Baraúnas	188	208	10,64
Cacimba de Areia	654	358	- 45,26
Mãe d'Água	477	233	- 51,15
Passagem	203	161	- 20,69
Patos	1.658	1.139	- 31,30
Quixaba	265	196	- 26,04
Santa Teresinha	565	542	- 4,07
São José de Espinharas	913	1.423	55,86
São José do Bonfim	257	320	24,51
Total	5.180	4.580	- 11,58

Fonte: IBGE – Produção Pecuária Municipal para os anos indicados.

Elaboração: INCEPS/UFPB.

Tabela 17
Efetivo do rebanho suíno da
Microrregião Homogênea de Piancó – 2006/2017

Municípios	Efetivo (Em cabeças)		Variação (%)
	2006	2017	
Aguiar	1.645	421	- 74,41
Catingueira	1.190	402	- 66,22
Coremas	360	413	14,72
Emas	777	135	- 82,63
Igaracy	903	255	- 71,76
Nova Olinda	1.167	504	- 56,81
Olho d'Água	858	489	- 43,00
Piancó	1.242	559	- 55,00
Santana dos Garrotes	1.348	627	- 53,49
Total	9.490	3.805	- 59,91

Fonte: IBGE – Produção Pecuária Municipal para os anos indicados.

Elaboração: INCEPS/UFPB.

Tabela 18
Efetivo do rebanho suíno da
Microrregião Homogênea de Sapé – 2006/2017

Municípios	Efetivo (Em cabeças)		Variação (%)
	2006	2017	
Cruz do Espírito Santo	302	707	134,11
Juripiranga	335	296	- 11,64
Mari	472	497	5,30
Pilar	655	78	- 88,10
Riachão do Poço	208	155	- 25,48
São José dos Ramos	495	255	- 48,48
São Miguel de Taipu	370	258	- 30,27
Sapé	416	667	60,34
Sobrado	167	272	62,87
Total	3.420	2.889	- 15,53

Fonte: IBGE – Produção Pecuária Municipal para os anos indicados.

Elaboração: INCEPS/UFPB.

Tabela 19
Efetivo do rebanho suíno da
Microrregião Homogênea do Seridó Ocidental Paraibano – 2006/2017

Municípios	Efetivo (Em cabeças)		Variação (%)
	2006	2017	
Junco do Seridó	408	467	14,46
Salgadinho	297	343	15,48
Santa Luzia	419	1.081	157,9
São José do Sabugi	403	538	33,49
São Mamede	389	654	68,12
Várzea	180	185	0,27
Total	2.096	3.268	55,91

Fonte: IBGE – Produção Pecuária Municipal para os anos indicados.

Elaboração: INCEPS/UFPB.

Tabela 20
Efetivo do rebanho suíno da
Microrregião Homogênea do Seridó Oriental Paraibano – 2006/2017

Municípios	Efetivo (Em cabeças)		Variação (%)
	2006	2017	
Baraúna	594	318	- 46,46
Cubati	382	787	106,00
Frei Martinho	355	275	- 22,53
Juazeirinho	567	1.046	84,48
Nova Palmeira	328	235	- 28,35
Pedra Lavrada	266	629	136,00
Picuí	417	1.321	216,00
Seridó	355	260	- 26,76
Tenório	238	219	- 0,79
Total	3.502	5.090	45,34

Fonte: IBGE – Produção Pecuária Municipal para os anos indicados.

Elaboração: INCEPS/UFPB.

Tabela 21
Efetivo do rebanho suíno da
Microrregião Homogênea de Serra do Teixeira – 2006/2017

Municípios	Efetivo (Em cabeças)		Variação (%)
	2006	2017	
Água Branca	726	503	- 30,72
Cacimbas	500	725	45,00
Desterro	881	718	- 18,50
Imaculada	751	478	- 36,35
Juru	1.232	470	- 61,85
Manaíra	2.657	943	- 64,51
Maturéia	584	370	- 36,64
Princesa Isabel	2.910	1.772	- 39,11
São José de Princesa	1.222	531	- 56,55
Tavares	1.845	1.228	- 33,44
Teixeira	460	1.151	150,22
Total	13.768	8.839	64,20

Fonte: IBGE – Produção Pecuária Municipal para os anos indicados.

Elaboração: INCEPS/UFPB.

Tabela 22
Efetivo do rebanho suíno da
Microrregião Homogênea de Sousa – 2006/2017

Municípios	Efetivo (Em cabeças)		Variação (%)
	2006	2017	
Aparecida	260	945	263
Cajazeirinhas	298	295	- 0,10
Condado	178	245	37,64
Lastro	235	107	- 54,46
Malta	62	126	103
Marizópolis	220	209	- 0,5
Nazarezinho	1.230	274	- 77,72
Paulista	890	2.889	224
Pombal	870	1.770	103
Santa Cruz	410	592	44,39
São Bentinho	175	150	- 14,28
São Domingos de Pombal	202	164	- 18,81
São Francisco	460	154	- 66,52
São José da Lagoa Tapada	530	402	- 24,15
Sousa	1.530	1.803	17,84
Vieirópolis	350	452	29,14
Vista Serrana	104	115	0,10
Total	8.004	10.692	33,58

Fonte: IBGE – Produção Pecuária Municipal para os anos indicados.

Elaboração: INCEPS/UFPB.

Tabela 23
Efetivo do rebanho suíno da
Microrregião Homogênea de Umbuzeiro – 2006/2017

Municípios	Efetivo (Em cabeças)		Variação (%)
	2006	2017	
Aroeiras	1.001	2.251	124,88
Gado Bravo	890	3.685	314,04
Natuba	540	289	- 46,48
Santa Cecília	539	1.525	182,93
Umbuzeiro	960	1.781	85,52
Total	3.930	9.535	142,62

Fonte: IBGE – Produção Pecuária Municipal para os anos indicados.

Elaboração: INCEPS/UFPB.